

## **PET: A GÊNESE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL**

Alline Fernandes Corrêa – PET Arquitetura, UFMG, Bolsista (DEPEM-SESu-MEC)

Celina Borges Lemos (orientadora) – PET Arquitetura, UFMG, Tutora (DEPEM-SESu-MEC)

### **RESUMO**

Este trabalho, parte integrante da pesquisa “PET UFMG 1985-2005: seu legado e sua história”<sup>1</sup>, concentra-se em historiar a concepção do Programa de Educação Tutorial, com o intuito de precisar seus princípios e fundamentos. Originalmente denominado Programa Especial de Treinamento, o PET foi diretamente inspirado em um experimento acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, o Sistema de Bolsas, criado em 1954. Neste artigo traçamos um paralelo entre os princípios do Sistema de Bolsas da FACE e a proposta original do PET, conforme instituído em 1979 pela CAPES.

### **INTRODUÇÃO**

Originalmente denominado “Programa Especial de Treinamento”, PET foi criado como um programa de investimento acadêmico destinado a formar lideranças intelectuais, uma “elite” dentro da universidade brasileira que, segundo a perspectiva de seu criador, carecia de enclaves de qualidade em tempos de massificação. Cláudio de Moura Castro, diretor geral da CAPES entre 1979-1982, participou de um experimento acadêmico denominado “Sistema de Bolsas” na transição dos anos 50 e 60, durante a sua permanência na FACE – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Pelos seus resultados em termos de qualidade acadêmica, e

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em cumprimento das atividades do PET Arquitetura da UFMG no período 2005/2006. Cf. CORRÊA, Alline Fernandes. **PET UFMG 1985-2005: seu legado e sua história**. Monografia. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2006.

expressivo sucesso nos exames de pós-graduação a que seus egressos se submeteram, o modelo do Sistema de Bolsas tornou-se para Castro uma referência original para programas de excelência no ensino superior brasileiro. Após ter contato com outras experiências de semelhante propósito e bem-sucedidas, Castro empenhou-se em convencer universidades brasileiras a adotarem programas parecidos ao Sistema de Bolsas, porém sem êxito: “todos achavam a idéia ótima mas diziam que sem recursos públicos, nada feito” (CASTRO, 200-, p.6). Ao tornar-se dirigente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Castro dispunha de meios suficientes para criar, no ano do início de sua gestão, o Programa Especial de Treinamento, inicialmente contando com uma equipe disposta a implementá-lo e acarretando um custo modesto ao orçamento da agência. “Dez anos de pregação não levaram a nada. Como diretor da CAPES, com um canetaço, crio um programa” (p.7).

### **INSPIRAÇÃO: O Sistema de Bolsas da FACE-UFMG (1954)**

Yvon Leite de Magalhães Pinto, um dos fundadores e primeiros professores da Faculdade de Ciências Econômicas – FACE, ocupou a diretoria desta instituição entre 1946 e 1960 em sucessivas reeleições. Nesses primeiros anos, quando "tudo estava por fazer", prof. Yvon fazia planos para que a Faculdade se tornasse um verdadeiro instituto de educação e de pesquisa – quando a Faculdade era ainda conduzida por um corpo docente pouco especializado nas disciplinas que lecionava, assim como se dava nas tradicionais escolas de comércio. Diante dessa realidade, Pinto elaborou um programa para a FACE que contemplava, dentre outros, os seguintes alvos: elevação do nível de ensino, renovação do corpo docente, incorporação da Faculdade na então Universidade de Minas Gerais, criação do setor de pesquisas. Até o ano de 1950, o professor se dedicou fielmente a tais objetivos de modo a ter

alcançado, já em 1948, a incorporação da Faculdade na então Universidade de Minas Gerais, logo federalizada em 1949.

O programa que o diretor projetou para a FACE já continha em si os germens do que seria, segundo Dias (2002), a "primeira experiência de tempo integral para docentes e alunos, no âmbito de um programa interdisciplinar" no ensino superior brasileiro. Já no projeto de lei da federalização da Faculdade, incluía-se a implantação da Assistência de Ensino, no intuito de possibilitar a renovação do corpo docente "por elementos inteligentes, com base cultural e dispostos a se especializarem nas cadeiras a que assistissem" – com o devido cuidado de evitar que a iniciativa caísse num sistema de favores ou protecionismos (PINTO, 1963, p.33). Para receber esses novos elementos que a Faculdade preparava para seu corpo docente, instituiu também o Corpo Técnico de Pesquisa, no intuito de garantir a dedicação integral desses professores às atividades "de ensino, de pesquisas e de altos estudos" (p.36). Esse "grupo de elite", em curto prazo, permitiu à Faculdade alcançar rapidamente um elevado nível de ensino, e o renome de que desfrutou durante as décadas seguintes.

"Dentro da velha Faculdade, e sem interromper-lhe o funcionamento, teria de ser estruturada uma nova Faculdade" (p.31). Neste processo de transformação da FACE, o diretor sabia ser necessário investir também nos graduandos, para além da capacitação em andamento do corpo docente.

Cumpria que a Faculdade passasse a diplomar elementos mais capacitados, para serem utilizados pela própria escola, nas atividades técnico-científicas, e ainda para atender às necessidades do mercado profissional. Daí a idéia do regime de tempo integral de estudo para alunos, mediante o sistema de bolsas de estudo. (p.38)

Desse modo o diretor sintetizou a necessidade e os propósitos da criação do Sistema de Bolsas, em que congregaria os alunos mais talentosos e destacados pela inteligência, cultura e dedicação, selecionados por uma comissão de docentes. A princípio,

esses alunos receberiam um pequeno auxílio mensal apenas para manutenção, e eram proibidos de exercer outras atividades “estranhas ao ensino”. Os bolsistas deveriam dedicar-se integralmente aos estudos, permanecendo em salas adequadas, dispondo de material bibliográfico e sob a orientação dos técnicos de pesquisa (p.38).

Os professores da Faculdade reagiram à proposta; alguns aprovaram integralmente a idéia, outros questionaram pela primeira vez o fato de se pagar para determinados alunos estudarem quando o ensino superior federal já era gratuito. Surgiu também a dúvida sobre o financiamento formal do sistema, quanto à licitude do investimento de recursos federais no pagamento do auxílio aos bolsistas. De modo original, Pinto buscou uma saída na iniciativa privada: graças à influência do Dr. Cristiano França Teixeira Guimarães, o diretor conseguiu o apoio dos Bancos Comércio e Indústria, Minas Gerais e Crédito Real, e da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Dispondo do auxílio dessas instituições para a manutenção dos bolsistas, o regulamento do Sistema de Bolsas foi aprovado e instituído em junho de 1954.

O idealizador do Sistema de Bolsas assim descreve o seu funcionamento original:

O regime que estabeleci para os bolsistas, os deveres e obrigações a eles atribuídos e a modalidade de fiscalização que exercia sobre suas atividades, traduziam meu desejo de inculcar-lhes um conceito de disciplina baseado no senso de responsabilidade de cada um. Fixando-lhes um horário a ser cumprido à tarde, não os submeti à assinatura de relógio ou livro de ponto. Nunca os puni pelas pequenas faltas ou irregularidades que praticavam, uma vez por outra, limitando-me a advertências amistosas. (p.39)

Verifica-se o caráter interdisciplinar já nos princípios do Sistema, ao contar com estudantes dos vários cursos congregados na FACE – Economia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Administração Pública e Sociologia Política: no Sistema de Bolsas “se encontravam os politicamente atuantes estudantes do curso de sociologia e política, Herbert de Souza, Ivan Ribeiro, Juarez Teotônio dos Santos, Simon Schwartzman, Bolívar Lamounier, Amaury de Souza, entre outros. Havia também os ‘reacionários’ do curso de administração de

empresas.” (BACHA, 1998, p. 3) E em razão dessa diversidade – e conseqüentemente da efervescência intelectual e política, o Sistema também exerceu importante papel na formação de seus alunos durante os governos militares:

[...] os bolsistas promoviam encontros, grupos de estudos e discussões em linhas expressamente proibidas pelo regime e também atuavam diretamente no movimento estudantil por meio do Diretório Acadêmico da FACE, que chegou a ser o mais importante de Minas Gerais à época. Tudo isso culminou, inclusive, com a participação de bolsistas no movimento de redemocratização. (SILVA *et al*, 2004)

A esse respeito, o ex-bolsista José Murilo de Carvalho nos relata sua experiência na militância política, durante a permanência no Sistema de Bolsas, essencialmente atrelada à vida acadêmica:

Havia (...) uma combinação fantástica de uma grande agitação, um grande envolvimento político, e ao mesmo tempo um grande envolvimento acadêmico. Ninguém podia ser líder estudantil se não fosse dos melhores alunos da turma. Uma das credenciais para ser líder era ser um excelente aluno. Esse ponto de vista implicava também que a ação política era freqüentemente orientada por leituras. (CASTRO; OLIVEIRA; FERREIRA, 1998)

Neste sentido compreendemos que o Sistema de Bolsas abrigava em si, originalmente, os fundamentos de uma formação integral de seus participantes, consolidando-se como ocasião em que o elitismo intelectual concorre para, e antes mesmo fundamenta, a responsabilidade social, política e cidadã de seus integrantes.

### **criação: A proposta original de Cláudio de Moura Castro (1979)**

Cláudio de Moura Castro participou do Sistema de Bolsas durante sua formação na Faculdade de Ciências Econômicas, integrando-o como bolsista a partir do ano de 1959. Desde 1954, ou seja, em apenas cinco anos de existência, o Sistema havia instalado “um ethos

organizacional onde os valores da pesquisa, da discussão inteligente, da análise, da busca de conhecimento, eram reforçados mutuamente” (CASTRO, 2001). Esse clima intelectual era tão expressivo que chegava a "recrutar bolsistas" fora da Faculdade; Castro o confirma: "alguns chegavam a sair de Ouro Preto e da Medicina da UFMG. Eu mesmo fui atraído tanto pela profissão como pela perspectiva do tempo integral" (200-, p. 4). Em sua permanência no Sistema, o futuro criador do PET testemunhou a eficiência daquele experimento no sucesso de seus integrantes, nos concursos de trabalhos monográficos em Economia (em que a qualidade técnica e crítica dos trabalhos dos bolsistas foi premiada e reconhecida, em detrimento “das vacas sagradas da USP e da UFRJ” – p. 5), e posteriormente no desempenho dos egressos nos exames para o primeiro programa de pós-graduação na área – no Centro de Aperfeiçoamento de Economistas da Fundação Getúlio Vargas / Rio de Janeiro. Mais tarde, Castro obteve essas evidências também a partir do desempenho dos ex-bolsistas no exame unificado da Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia – ANPEC, em que durante mais de dez anos a FACE aprovou entre 90 e 100% de seus candidatos (CASTRO, 2001). De semelhante modo foi o êxito dos ex-bolsistas nos exames de pós-graduação no exterior, a partir da década de 70 (SPAGNOLO; CASTRO; PAULO FILHO, 1996, p. 7). Dentre os egressos do Sistema, vários nomes figuram hoje destacadamente em suas áreas, em termos de trajetória acadêmica, profissional e política<sup>2</sup>; e diante desses resultados "só havia uma conclusão, o Sistema de Bolsas era bom" (CASTRO, 200-, p.6).

Castro buscou conhecimento de outras experiências similares ao Sistema de Bolsas, tendo encontrado no ensino norte-americano um programa semelhante: os Honors Programs, sistema aplicado nos ensinos médio e superior americanos onde alunos

---

<sup>2</sup> Sobre os egressos do sistema, Castro nos relata: "começavam a despontar nomes que até hoje estão na primeira linha em suas áreas: Edmar Bacha, Simon Schwartzman, Bolivar Lamounier, Vilmar Faria, Paulo Haddad, Vando Borges, Amaury de Souza, Fabio Wanderley (...), Ricardo Santiago, Roberto Martins, Daniel Ribeiro de Oliveira, Rogério Werneck, José Marcio Camargo, Eustáquio Reis. Há uma geração de diretores do BNDES e do BDMG da mesma origem. Há Secretários de Estado em Minas Gerais e em Brasília. Dali provêm as lideranças de esquerda, como Vinícius Caldeira Brant, e de direita também. Isso tudo vindo de um número total que mal ultrapassa duzentos bolsistas." (200-, p. 6).

selecionados recebem um tratamento diferenciado, cursando disciplinas em forma de seminários que criam oportunidades para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Através do trabalho árduo e da busca pela excelência, os alunos participam de cursos e atividades extracurriculares que, no caso do ensino superior, propiciam aos alunos maior proximidade junto aos professores através da promoção de uma gama de cursos especiais sobre temas transdisciplinares, dos quais os alunos participam em turmas reduzidas. Nesses cursos, que envolvem maior carga de leitura e produção escrita, os universitários são levados ao desenvolvimento e enriquecimento de pensamento crítico e argumentativo; no último ano do programa, desenvolvem um projeto em que exercitam o aprendizado em habilidades de pesquisa, sendo o trabalho final em formato adequado à área de estudos do aluno – científica, artística, etc. Os Honors Programs buscam instalar, em meio à universidade média e em geral à educação americana, “enclaves de qualidade” acadêmica em que se viabilize a produção intelectual de excelência (NATIONAL, 2005. Mission Statment.)

Ao assumir a diretoria da CAPES em 1979, Cláudio de Moura Castro dispunha de meios suficientes para colocar em prática, em escala nacional, o experimento de que participou enquanto estudante. Castro compartilhava a idéia de que é necessário oferecer para os líderes em potencial uma formação diferenciada, elitizada academicamente; porém enfatiza que dos beneficiados deveriam corresponder esforço e resultados bem acima da média. Segundo Castro (2001), essa elite era tradicionalmente forjada no Brasil em pequenas instituições de ensino superior cuja formação se oferecia em níveis mais exigentes, tais como Escola de Minas de Ouro Preto, Universidade de São Paulo – USP e Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA. A partir das décadas de 60 e 70, com a Reforma Universitária, aumento da demanda por vagas e conseqüente expansão do ensino superior brasileiro, criou-se no país uma universidade “enorme e heterogênea” que não acompanhou o crescimento do número de matrículas com a necessária melhoria na qualidade do ensino. Semelhantemente, os recém-criados cursos de pós-graduação, embora bons programas, tiveram como fator limitativo à melhoria de sua

qualidade o potencial insuficiente dos alunos que ingressaram nos cursos de mestrado, acarretando prejuízos em relação ao tempo médio de titulação (DESSEN, 1995, p. 2). Diante dessa realidade, a solução para a criação de ambientes necessários à formação de novas lideranças seria “esconder um enclave de qualidade dentro de uma universidade de massa” (CASTRO, 2001):

Partindo-se do ponto de vista de que as necessidades do país, nas diversas áreas do conhecimento científico e tecnológico, são atendidas por egressos de indiscutível qualidade; que os atributos de tais profissionais são desenvolvidos em um processo de aperfeiçoamento contínuo de alto nível; e que quando este é aplicado a um grupo reduzido de alunos possibilita um maior controle de sua qualidade, pensou-se em uma solução a curto prazo, passível de adoção imediata, que seria, então, criar programas de excelência. (DESSEN, 1995, p. 2)

Desse modo, o Programa Especial de Treinamento foi implantado: nos cursos mais promissores, dever-se-ia selecionar os melhores alunos e mantê-los integralmente em dedicação exclusiva aos estudos, dispondo de espaço físico adequado e uma boa biblioteca, e sem um direcionamento a priori do caráter do estudo – partindo de um princípio de autonomia, quase de autodidatismo, como nos primeiros anos do Sistema de Bolsas. “Se a hipótese de que esse povo foi bem recrutado, de que são brilhantes, de que são dedicados e são motivados for correta, não pode deixar de dar certo” (CASTRO, 2001). A idéia original apostava na dinâmica intelectual instaurada, nesse “ethos organizacional” que permite o desenvolvimento dos trabalhos por parte dos alunos, liberando as iniciativas de modo flexível e adequado a cada curso e instituição em que fosse implantado o programa. “O resto”, segundo Castro, “aconteceria sozinho”.

Era objetivo do programa propiciar aos alunos de graduação as condições que favorecessem sua formação acadêmica tanto para a integração no mercado profissional como para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação. As atividades extra-classes que compunham o “treinamento



especial” visavam a formação global do aluno, procurando atender mais plenamente as necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos da grade curricular. Era necessário criar mecanismos que possibilitassem o desenvolvimento das potencialidades dos alunos preservando e incentivando focos de excelência acadêmica, num contexto que ia se incomodando cada vez menos com a mediocridade. Tratava-se de constituir, dentro da universidade, pequenos grupos formados por alunos que se destacassem pelo desempenho e neles concentrar esforços de orientação acadêmica, acompanhamento e estímulos financeiros, de modo a permitir dedicação exclusiva e integral aos estudos. O que se visava, era formar profissionais de alto nível para todos os segmentos do mercado de trabalho, com destaque especial para a carreira universitária, tendo em vista o seu efeito multiplicador. (SPAGNOLO; CASTRO; PAULO FILHO, 1996, p. 8)

De acordo com o criador do PET, a idéia original do programa baseou-se em um investimento acadêmico específico e direcionado aos alunos participantes. “Melhorar a graduação era um produto secundário, algo que viria por si só, sem uma política explícita [...]. Acreditávamos que isso seria um subproduto inevitável, quase automático” (CASTRO, 200-, p.7). Para Castro, o programa não deveria corresponder aos padrões comumente idealizados em outros programas de ensino superior: “não é um sistema de voluntariado visando resolver um problema social”; “não é para usar os bolsistas como substitutos dos professores”; “não é instrumento de equidade, de benemerência ou de justiça social”. O programa tinha uma lógica simples: “trata-se de buscar os melhores candidatos e oferecer-lhes as melhores condições de crescimento intelectual”. Ambicionava assim que o PET viesse a formar as pessoas que vão “mudar o Brasil”, lançando sobre o programa as expectativas verificadas através do Sistema de Bolsas da FACE, em suas devidas proporções.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O filósofo espanhol José Ortega Y Gasset nos alerta, em seu Missão da Universidade, que “a única coisa suficiente e imprescindível para que um ser – individual ou

coletivo – subsista plenamente [... é]: posicioná-lo em sua verdade, dar-lhe sua *autenticidade*, e não nos empenharmos em que ele seja o que não é, falsificando seu destino inexorável através de nosso arbitrário desejo.” (1999, p. 50, grifo original). Acreditamos, também acerca do Programa de Educação Tutorial, que seremos mais capazes de intervir criticamente em seu desenho, estrutura e funcionamento à medida que partirmos de uma revisão prévia, “feita com enérgica clareza, com decisão e veracidade” (p. 50), de sua missão, origens e fundamentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, Edmar L. Memória Acadêmica. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 197-210, 1998.

CASTRO, Cláudio de M. **O PET visto por seu criador**. [S.l.: s.n., 200-]. Ensaio. Disponível em: <<http://www.petma.ufsc.br/arquivos/artigo.doc>>. Acesso em: mar. 2005.

CASTRO, Cláudio de M. **O PET visto por seu criador**. [S.l.]: PET-EPS UFSC, 2001. Palestra proferida no I Brainstorm, evento organizado pelo PET-EPS da UFSC. Disponível em: <<http://www.petma.ufsc.br/arquivos/palestra.mp3>>. Acesso em: mar. 2005.

CASTRO, Celso; OLIVEIRA, Lucia L. e FERREIRA, Marieta de M. Entrevista com José Murilo de Carvalho. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 12, 1998, p. 357-378.

DESSEN, Maria A. **O Programa Especial de Treinamento – PET: Evolução e Perspectivas Futuras**. Brasília: CAPES, out. 1995.

DIAS, Fernando C. **O significado de uma comemoração**. UFMG 75 anos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <[http://www.ufmg.br/75anos/dep\\_fcdias.htm](http://www.ufmg.br/75anos/dep_fcdias.htm)>. Acesso em: mar. 2005.

NATIONAL Collegiate Honors Council. Webpage. Disponível em: <<http://www.nchchonors.org>>. Acesso em: out. 2005.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da Universidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

PINTO, Yvon L. M. **O movimento estudantil de 1960 na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Santa Maria, 1963.

SILVA, Núbia C. *et al.* Meio século do Sistema de Bolsas. Seção Opinião. **Boletim Informativo da UFMG**. Nº 1462 - Ano 31 - 11.11.2004.

Alline Fernandes Corrêa – [allinec@yahoo.com.br](mailto:allinec@yahoo.com.br)

Celina Borges Lemos – [celinaborges@ufmg.br](mailto:celinaborges@ufmg.br)